

REVISTA IBEF

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS

ANO II - NÚMERO 7 - BIMESTRAL - NOVEMBRO 2006 - R\$ 10,00
www.ibefrio.org.br



**Presidente do BNDES, Demian Fiocca,
fala sobre projetos do banco para 2007**

Carlos Kawall, secretário do Tesouro, analisa desempenho econômico do Brasil

Embaixador do México no Brasil avalia relações comerciais entre os dois países

Roberto Teixeira da Costa em entrevista sobre os 30 anos da Lei das S.As

Presidente da Aracruz, Carlos Aguiar, comenta perfil da empresa



Rio de Janeiro

Presidente do BNDES fala sobre novos financiamentos do banco e avalia desempenho em 2006



“Quando a economia entra num ciclo sustentado de investimentos, praticamente todos os setores se beneficiam, a renda e o emprego crescem”.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, Demian Fiocca, concedeu entrevista exclusiva à Revista IBEF, na qual falou sobre diversos assuntos, entre eles as perspectivas do Banco para o desenvolvimento da economia em 2007; a avaliação do desempenho em 2006; o financiamento de micro, pequenas e médias empresas, uma das prioridades do BNDES; taxa de juros e apoios a projetos sociais e culturais.

O BNDES, considerado o maior banco de fomento da América Latina, é um órgão vinculado

ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e tem como objetivo apoiar empreendimentos que contribuam para o desenvolvimento do país.

Desde a sua fundação, em 20 de junho de 1952, o BNDES financia grandes projetos industriais e de infra-estrutura, tendo marcante posição também no apoio aos investimentos na agricultura, no comércio e serviço, nas micro, pequenas e médias empresas e nos investimentos sociais voltados para educação, saúde, agricultura familiar, saneamento básico e ambiental e transporte coletivo de massa.

O BNDES conta com duas subsidiárias integrais, a Finame (Agência especial de Financiamento Industrial) e a BNDESPar (BNDES Participações), criadas com objetivo, respectivamente, de financiar a comercialização de máquinas e equipamentos e de possibilitar a subscrição de valores mobiliários no mercado de capitais brasileiro.

O executivo Demian Fiocca, nascido na cidade de São Paulo, é bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP), e mestre, também em Ciências Econômicas, pela mesma entidade. Em 2002, foi diplomado pelo Mini-MBA de formação de executivos do Programa de Alta Dirección Harvard-IESE (Barcelona).

Em 2004, Fiocca foi chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, coordenou a elaboração e as negociações do projeto de Lei das Parcerias Público-Privadas (PPPs). Montou a equipe da Unidade de PPP, que servirá de corpo técnico para suporte das decisões do Órgão Gestor das PPPs, constituído pelo Ministério do Planejamento, pelo Ministério da Fazenda e pela Casa Civil.

Em 2003, como secretário de Assuntos Internacionais do Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, promoveu a revisão das carteiras de empréstimos do Brasil no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e no Banco Mundial, que resultou na adequação das linhas de crédito contratadas à capacidade real de desembolso de cada projeto. O ajuste de cerca de US\$ 800 milhões em linhas de crédito ociosas proporcionou importante redução dos gastos com taxas de manutenção dessas linhas. Atuou perante o BID e o Banco Mundial para viabilizar empréstimos dessas instituições a projetos como o Bolsa-Família. Ocupou a posição de Governador Alternado do Brasil no

“Neste ano estamos observando a realização de investimentos de grande porte como não ocorriam havia muitos anos no Brasil, o que mostra a disposição do setor privado em investir. No próximo ano, com a recente capitalização feita pelo governo no BNDES, teremos condições de financiar ainda mais fortemente esses projetos estruturantes”.

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e foi diretor pelo Brasil da Corporação Andina de Fomento (CAF). Entre 2002 e 2003, dirigiu a área de pesquisa econômica do Grupo Telefônica, e de 1998 a 2000 foi economista-chefe do Banco HSBC, entre diversas outras funções. A seguir, confira a entrevista exclusiva.

Revista IBEF: Como o senhor avalia a atuação do BNDES no ano de 2006?

Demian Fiocca: Neste ano, o BNDES redefiniu suas políticas operacionais, demonstrando claramente suas prioridades e aumentando sua transparência. Por meio de taxas de juros mais baixas, o Banco passou a privilegiar os investimentos que promovam a inovação tecnológica, o fortalecimento da infra-estrutura, a competitividade da indústria brasileira de bens de capital e o desenvolvimento das micro, pequenas e médias empresas.

Sem essas políticas, alguns projetos importantes para o país provavelmente não estariam sendo realizados, e os resultados que estamos observando mostram que as mudanças foram amplamente aceitas.

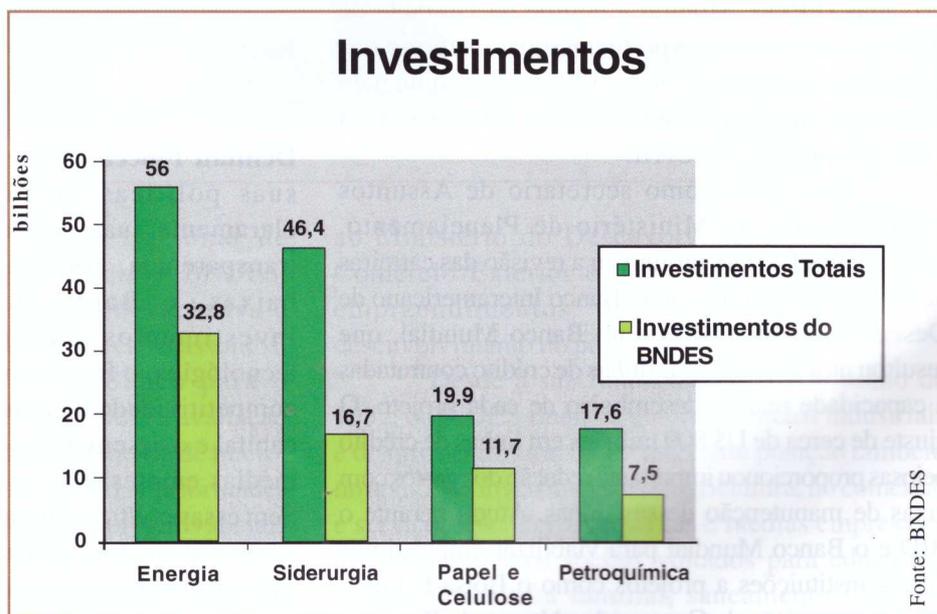
Revista IBEF: Quais são as perspectivas do banco para o desenvolvimento da economia brasileira em 2007?

Demian Fiocca: Quando a economia entra num ciclo sustentado de investimentos, praticamente todos os setores se beneficiam, a renda e o emprego crescem. Vejamos o caso de um setor chave para a economia: o de energia elétrica. De 2003 até setembro deste ano, o BNDES aprovou 118 projetos de geração, transmissão e distribuição, representando investimentos totais de R\$ 30 bilhões, dos quais R\$ 14,4 bilhões serão financiados pelo Banco. Graças ao novo modelo do setor elétrico, esses projetos, com oferta de 11,3 mil MW, serão capazes de garantir o abastecimento de energia do país até 2010, eliminando o risco de racionamento. É interessante destacar que parte destes recursos – cerca de R\$ 2,5 bilhões – foi destinada a financiamentos de pequenas centrais hidrelétricas. Para outras fontes alternativas, como biomassa e energia eólica, aprovamos mais R\$ 1,8 bilhão. Estamos apoiando também importantes investimentos em outros setores da infra-estrutura, como ferrovias, portos, saneamento, telecomunicações etc.

Revista IBEF: O senhor pode comentar outros indicadores desse desenvolvimento sustentado?

Demian Fiocca: Neste ano estamos observando a realização de investimentos de grande porte como não ocorriam havia muitos anos no Brasil, o que mostra a disposição do setor privado em investir. No próximo

ano, com a recente capitalização feita pelo governo no BNDES, teremos condições de financiar ainda mais fortemente esses projetos estruturantes. Recentemente, fizemos estudos relacionados a três grandes setores: siderurgia, papel e celulose e petroquímica, e as perspectivas são alentadoras. Em siderurgia, por exemplo, os investimentos devem atingir R\$ 46,4 bilhões no período 2007/2011, consolidando um novo ciclo de expansão da produção de aço. Isso equivale a um aumento real de 140% nos recursos aplicados em siderurgia em relação ao período 2001/2005. Os financiamentos do BNDES ao setor saltarão de R\$ 4,8 bilhões, entre 2001 e 2005, para R\$ 16,7 bilhões em 2007/2011. Estudos feitos pelo banco indicam que os investimentos nestes setores, da indústria de base, devem crescer a taxas anuais de dois dígitos nos próximos anos. Quando falamos em desenvolvimento, também temos de ressaltar que o crescimento da economia está ocorrendo com mais qualidade, já que a desigualdade está diminuindo. Segundo um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas, a proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza ficou estagnada em 28% entre 1995 e 2002. Três anos depois, o número havia caído para 22%.



“Neste ano, ampliamos de R\$ 100 mil para R\$ 250 mil o limite de crédito para as operações com o Cartão BNDES, com prazo de pagamento em até 36 meses. Também realizamos uma campanha publicitária para estimular os potenciais clientes a procurarem os bancos credenciados, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco, a oferecerem o produto. Até o final de outubro o total de cartões BNDES já passavam de 90 mil”.

Revista IBEF: Qual é o objetivo da nova política de captação de recursos do banco, com debêntures atreladas ao IPCA?

Demian Fiocca: O BNDES tem atuado de modo a desenvolver o mercado de capitais e de títulos, porque o desenvolvimento desse mercado reduz o custo de intermediação financeira entre poupadores e investidores. Essa diminuição acaba sendo favorável para o desempenho do banco de maneira geral e sua atuação no mercado de debêntures, como emissor ou investidor, tem esse sentido. A atuação do BNDES deve ter um papel indutor do crescimento do mercado, que está em processo de evolução.

Revista IBEF: O que o banco tem feito pelo crescimento das pequenas e médias empresas?

Demian Fiocca: A partir de 2003, o financiamento de micro, pequenas e médias empresas passou a ser uma das prioridades do BNDES, com *spread* de 1% ao ano. Vale lembrar também que o BNDES não atua como banco de varejo, e para atingir estas empresas tem de contar com o apoio da rede bancária em geral. Para estimular essa colaboração, neste governo o BNDES passou a condicionar o acesso a operações de *funding* para grandes empresas ao cumprimento de uma proporção mínima de operações com MPMEs. Isso fez com que os créditos para este tipo de empresa saltassem da média de 20% sobre o total de recursos liberados pelo Banco, entre 1999 e 2002, para 29% entre 2003 e 2006. Outro ponto importante é o cartão BNDES, que

é um dos principais instrumentos de apoio ao setor e vem apresentando um crescimento espetacular. Neste ano, ampliamos de R\$ 100 mil para R\$ 250 mil o limite de crédito para as operações com o Cartão, com prazo de pagamento em até 36 meses. Também realizamos uma campanha publicitária para estimular os potenciais clientes a procurarem os bancos credenciados, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco, a oferecerem o produto. Até o final de outubro o total de cartões BNDES já passavam de 90 mil.

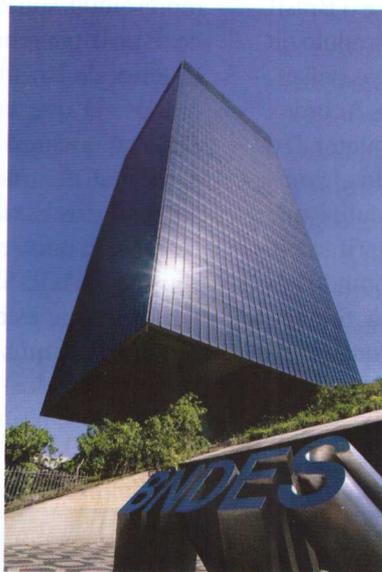
Revista IBEF: Na sua opinião, qual o patamar aceitável para as taxas de juros no Brasil?

Demian Fiocca: Desde o início do Plano Real, o Banco Central mantém taxas de juros elevadas em termos absolutos. Prefiro não fazer previsões, mas destacaria duas coisas. Em primeiro lugar, a taxa Selic está em queda há mais de um ano e está no nível mais baixo desde sua criação. Em segundo lugar, o governo Lula criou as melhores condições dos últimos 25 anos para uma redução consistente dos juros. Isso se verifica no nível do risco Brasil, o mais baixo da história, e pelo comportamento da inflação, que está abaixo da meta neste ano e também deve ficar em patamar semelhante no ano que vem.

Revista IBEF: O BNDES apóia hoje diversos projetos sociais e culturais. Que importância tem a responsabilidade social dentro da filosofia do banco?

Demian Fiocca: O BNDES dedica atenção especial ao apoio a projetos culturais e artísticos. Já é, por

exemplo, o segundo maior financiador do cinema nacional. No final de outubro, foi divulgada a lista de apoio deste ano. Damos recursos também para muitos outros projetos culturais, especialmente no âmbito do patrimônio histórico e artístico. O Banco estrutura sua ação de maneira coordenada com o Ministério da Cultura para que o uso dos recursos tenha a maior eficácia possível. Desde 2004, passou a trabalhar com editais públicos para selecionar os projetos que receberão nossos recursos, com comissões de seleção que contam com maioria de especialistas externos, dando maior transparência ao processo. Quanto aos projetos de inclusão social, temos linhas de crédito especiais para este tipo de projetos, com juros baixos ou até mesmo não-reembolsáveis. É o caso, por exemplo, dos projetos dos arranjos produtivos locais. São investimentos que o BNDES apóia no interior do País, em áreas de grande carência, como uma forma de combater a pobreza através do trabalho coletivo.



fiscais para o Finor para o projeto da Transnordestina. Mas o projeto só saiu do papel no governo atual, quando os Ministérios da Integração Nacional, Fazenda, Transportes e o BNDES trabalharam em conjunto para viabilizá-lo. Neste caso, prioridades de longo prazo e projetos com apoio do governo coincidem, uma vez que o desenvolvimento do Nordeste é parte da política geral do governo de diminuição das desigualdades regionais.

“As exportações mundiais cresceram, em média, 17% ao ano entre 2002 e 2005, mas a expansão das vendas brasileiras foi muito superior, de 25% ao ano no mesmo período”.

Revista IBEF: O BNDES tem um peso maior do que muitos ministérios, sendo o grande fomentador de nossa economia. A política de investimentos do Banco obedece a um planejamento de longo prazo ou está vinculada a objetivos de governo?

Demian Fiocca: Um dos méritos deste governo foi sua capacidade de coordenar políticas. Além do foco de prioridades em projetos estruturantes, as prioridades do governo têm sido coincidentes com as do BNDES. Um dos exemplos é o modelo do setor elétrico, elaborado pelo Ministério das Minas e Energia, que permite a contratação de energia no longo prazo. O BNDES, por sua vez, pode fazer financiamentos de longo prazo porque utiliza esses contratos como garantia. Outro exemplo é que desde 1997, o governo vinha direcionando recursos provenientes de incentivos

Revista IBEF: O que o senhor considera importante para que nossa economia possa crescer com taxas mais substanciais?

Demian Fiocca: Em primeiro lugar é preciso desmistificar a idéia de que o Brasil não aproveitou bem o cenário internacional favorável. As exportações mundiais cresceram, em média, 17% ao ano entre 2002 e 2005, mas a expansão das vendas brasileiras foi muito superior, de 25% ao ano no mesmo período. Em segundo lugar, a principal razão do crescimento baixo foi a frequência de crises, o que não deve se repetir graças à solidez de fundamentos alcançada recentemente. De 2004 para cá, o crescimento médio do PIB já está entre 3,5% e 4%, e como a inflação está abaixo da meta, a política monetária tem condições de ser mais expansionista.